

A educação-rizoma como potência de vida: as tessituras entre a arte, a comunicação e a educação

Rhizome education as a power of life: the intertwining between art, communication, and education

Cláudio Renato Zapalá Rabelo (DepCom-UFES)

Resumo: Uma educação-rizoma parte dos recortes e inspirações das perspectivas de Deleuze, Guattari, Certeau, Foucault, Derridà, Freire, Didi-Huberman e tantos outros intercessores teóricos que nos ajudam a ressignificar as artes, a comunicação e a educação em contextos transdisciplinares, críticos e políticos. A partir do método de pesquisa com os cotidianos, nosso objetivo consiste na busca de protagonismo, criatividade e inovação na apropriação midiática, como formas de resistência e criação de pedagogias em redes.

Palavras-chave: Comunicação; artes; educação; novas tecnologias; redes.

Abstract: *A Rhizome-education starts from the excerpts and inspirations from the perspectives of Deleuze, Guattari, Certeau, Foucault, Derridà, Freire, Didi-Huberman and many Other theoretical intercessors who help us to give new meaning to the arts, communication, and education in transdisciplinary, critical contexts and political. Based on the research method with everyday life, our objective is to seek protagonism, creativity and innovation in media appropriation, as forms of resistance and creation of pedagogies in networks.*

Keywords: *Communication; arts; education; new technologies; networks.*

Introdução

A Educação, a filosofia, a comunicação e as artes em suas mais plurais manifestações são inextricavelmente partes da tessitura social imanente à cultura. Muitas vezes suprimidos pela lógica do capitalismo exacerbado, tratados como incômodos às estruturas predominantes de poder, não deixam de resistir como locais de potência diante dos engendramentos discursivos manifestos na legitimação incansavelmente cíclica das lógicas dominantes.

Tais resistências partem, na filosofia, daquilo que Marx (2021) atentava em direção à consciência de classe, Gilles Deleuze (2014) conceituava como os acontecimentos menores, Michel de Certeau (1994) considerava como ordinário e Michel Foucault (1996) tratava como uma impossibilidade diante da microfísica discursiva. Tais modos de resistência ganham contornos popularizados na voz de filósofos contemporâneos de rua, como Eduardo Marinho, ou são midiaticizados e até mesmo espetacularizados em figuras como Mário Sérgio Cortella, Leandro Karnal, Viviane Mosé, Márcia Tiburi e Rita Von Hunty (persona de Guilherme Terreri). Encorajados, professores descobrem as brechas pedagógicas nas mídias que a priori pareciam alienantes. Nas artes plásticas, testemunhamos os contornos históricos influenciados pela resistência discursiva que se manifesta ainda hoje em *Guernica* (1937), de Pablo Picasso, obra que deu contornos estéticos à sua crítica social ao expor graficamente os horrores do Franquismo. Na pluralidade digital contemporânea há um multiforme movimento, em redes, em direção à denúncia de movimentos neofascistas, mesmo que em forma de memes, menes, montagens, bricolagens, recortes e vídeos virais.

De acordo com os parâmetros da lógica produtiva, não interessa priorizar e incentivar a educação ou os livros; mesmo assim resistimos como autores, professores, filósofos ou artistas. Somos historicamente conjurados em nome de discursos que nos fixam como signos de perigo de doutrinação iminente e ameaça aos extratos conservadores de poder. Os clássicos *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, *O Senhor das Moscas*, de William Golding, *Admirável Mundo Novo*, de Aldus Huxley e *1984*, de George Orwell, são algumas das distopias literárias transmidiaticizadas para o cinema, que ao mesmo tempo transitam como alertas aos perigos do fascismo e dos diferentes modos de regimes totalitários, mas também funcionam como manuais de propaganda para aqueles que desejam manter o *status quo*. Tais manifestações artísticas incomodam as bases do poder, que por sua vez as escondem, desqualificam, ressignificam, não sem antes aprender as bases que sustentam a criação e circulação de mitologias capazes de produzir irrealidades tão verossímeis, os simulacros (Baudrillard, 1991) que passam a pautar os sentidos do real. Ainda assim, resistimos.

Literatura, arte, comunicação e educação são pontos de resistência. Temos como exemplos, para citar alguns nomes, Saramago com suas críticas ao Salazarismo, a crítica de Natália Ginsburg ao fascismo italiano de Mussolini,

a problematização de Ngugi Wa Thiong’o ao colonialismo inglês no Quênia, assim como a rememoração de Antônio Sármeta ao pinochetismo no Chile, a problematização de Kiese Laymon na gordofobia, bem como de Leonór Recondo que acaba por escancarar a transfobia. Não são poucas as obras literárias que trazem tais alertas que resistem aos regimes de verdade opressores, mas que se diluem frente à sedutora máquina das *fake news*, dos discursos fáceis e sedutores, da profusão de clichês e frases de efeito, que ganharam escala exponencial nas mídias digitais.

Ainda sobre os livros e suas adaptações audiovisuais, a midiatização de um Jesus bíblico que prega o perdão, o amor e a caridade, assim descrito na obra considerada sagrada por uma considerável parte dos habitantes do planeta, tem sua caracterização dissimulada e simulacrada em nome de cidadãos que vigiam, punem e controlam o diferente e as diferenças. Recriam e mitificam uma mensagem que jamais foi escrita na bíblia, de forma que o ataque e o escárnio aos direitos humanos passa a ser justificado como um fundamento que não se vê na obra em questão.

O mesmo ocorre com a imagem de Sidahrta, o príncipe que escolheu conhecer o mundo real, abraçando a humildade e caridade, que muitas vezes tem sua filosofia desviada e ressignificada para receitas empreendedoras “de sucesso”. E assim funciona a propaganda com sua máquina de mitos, a vaca sagrada se torna meme no ocidente, os muçulmanos, os descendentes de povos escravizados, as pessoas trans, as mulheres pretas, os apenados, os moradores de rua e toda expressão de alteridade baseada nas diferenças passa a ser alvo de uma espécie de neofascismo e controle panóptico (Foucault, 1987) contemporâneo, em nome de uma dissimulada liberdade de expressão/opressão/segregação/discriminação. Trata-se de um fenômeno psíquico-social muito relacionado à um estrato localizado na pirâmide de Maslow (Rabelo, 2023), aquele relacionado à segurança. Mas por que isso ocorre?

As novas tecnologias entre os remédios e venenos

Diante do caos informacional e da profusão pandêmica da ansiedade, depressão, terror noturno, agorafobia, síndrome do pânico, lipofobia e *burnout*, a sociedade tem se sentido incapaz de lidar com as escolhas e o excesso daquilo que se expressa em forma de liberdade. A pane no ego parece resultar na busca de uma solução mais simples, que seria o retorno a um passado mítico, onde há uma mão autoritária, uma lógica dominante, um caminho predeterminado. E isso seria o que Foucault (1996) considera como a força insidiosamente doce que resta, após a circulação dos discursos, ou o que Levy (1999) nos aponta sobre a ascensão da inteligência coletiva, que funcionaria tanto como o remédio, como também o veneno da cibercultura.



Figura 1. QR Code para acesso à aula no TikTok sobre Paulo Freire. Fonte: Imagem gerada pelo autor.

Em grego arcaico, a palavra “pharmakon” (que originou “pharmacie”, em francês) significa ao mesmo tempo veneno e remédio. Novo “pharmakon”, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes (Levy, 1999, p. 30).

As mídias sociais têm se tornado arenas de embates dualistas. Por exemplo, a imagem do patrono da educação no Brasil, Paulo Freire tem recorrentemente sido associada à uma fabulosa ameaça doutrinária comunista e até mesmo tratada como “um energúmeno” por autoridades políticas, ideia esta publicizada em escala exponencial por disparos de notícias falsas e comentários disseminados pela ação de *bots*. Isso ocorre, apesar (e provavelmente em razão disso) de Paulo Freire ter criado um método de alfabetização de adultos baseado na relação dos sujeitos com a realidade que os cerca, incentivando o protagonismo e a participação política. Além disso, fazia duras críticas à educação que considerava como bancária (Freire, 1987), depositária de conteúdos de forma bruta e descontextualizada. Isso incomodava à lógica baseada no voto de cabresto e no elitismo cultural e político.

E assim, por vezes, as mídias sociais parecem ter sido dominadas por máquinas discursivas de guerra, capazes de desestabilizar o pensamento crítico e dominar toda e qualquer chance de articulação complexa de pensamento. Professores recorrentemente são taxados como doutrinadores, artistas são ressignificados como arruaceiros e o jornalismo passa a ser descredenciado em nome das teorias da conspiração. Mas mesmo assim resistimos, aprendemos e ensinamos em redes.

NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM

EDUCA A SI MESMO, OS HOMENS SE EDUCAM

ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO

(Freire, 1987, p. 79).

O trecho é exposto em caixa alta, sendo estruturado como um texto concreto, possivelmente para dar força à expressão.

Por isso, este artigo traz como proposta a utilização do potencial crítico, consciente, pedagógico e artístico das novas mídias. Assim como Augé (2018), que considera o conceito de lugar como um espaço ocupado, aqui trataremos aqueles espaços que muitas vezes julgamos como os venenos da cibercultura, lugares para trabalhar em redes os afetos da alegria, como entende Spinoza (1998). Nesse sentido, usar tecnologias como o *TikTok*, *Instagram*, *Pinterest*, *Youtube*, *Whatsapp*, assim como a ocupação dos *blogs*, *podcasts*, salas de aula *online* como espaços políticos de educação, cultura, arte e comunicação não significa reduzir a potência da academia, mas ao contrário, nos ajuda a ressignificar a realidade até então anestesiada, uma vez que torna simples o complexo, democratiza os saberes e questiona a doxa.

É a mesma coisa quanto ao livro e ao mundo: o livro não é a imagem do mundo segundo uma crença enraizada. Ele faz rizoma com o mundo, há evolução a-paralela do livro e do mundo, o livro assegura a desterritorialização do mundo, mas o mundo opera a reterritorialização do livro, que desterritorializa por sua vez em si mesmo no mundo (se ele é capaz disso e se ele pode) (Deleuze; Guattari, 1995, p. 28).

Nossa perspectiva não se atém simplesmente ao digital e de maneira nenhuma a trata com a lógica substitutiva ou hierarquizada, mas convida os docentes para uma jornada que considere uma educação-rizoma, ou seja, uma pedagogia cuja ontologia do objeto não deixe escapar a potência dos entrelugares, das linhas de fuga, do que acontece nas fronteiras. Assim, a televisão, o cinema, a literatura, os museus, as peças de teatro, a música, a escultura, a dança, bem como os parques públicos, os espaços de habitação, trabalho, lazer e as interfaces digitais são, como entende Michel de Certeau (1994), *espaçostempos* cotidianos onde são tecidas redes de *saberesfazeres*, com movimentos inventivos singulares e que muitas vezes escapam ao olhar do observador pouco atento.

Cada estudante é atravessado por múltiplas diferenças e redes de afetos

das mais distintas. Muito além do que espectadores em salas de aula, são evangélicos, ateus, católicos, budistas, muçulmanos ou umbandistas. Alguns não sabem o que pensar ou sentir acerca das religiões. Há aqueles que receberam amor dos pais, foram criados pelos avós, cresceram em lares adotivos ou casas de passagem. Outros são vítimas da violência parental ou conjugal. Estudantes são plurais, originam de comunidades quilombolas, favelas, mansões, repúblicas e até mesmo são refugiados de outros países. São pessoas com a sexualidade policiada, vítimas do racismo, transfobia, machismo, etarismo ou até mesmo podem viver a angústia de ostentar uma masculinidade simulada e forçada pela repressão psíquica e cultural. Alguns trazem a fome de casa, outros a depressão, o luto, a desesperança profissional, o assédio laboral, a paternidade, a maternidade, o abandono e as dívidas. De toda forma e em muitos casos, confiam e projetam na mitologia universitária aquilo que restou da caixa de Pandora, a esperança. Diante disso, qual o nosso papel como educadores, artistas, comunicadores, cientistas, filósofos e pesquisadores?

O rizoma é a metonímia deleuziana inspirada em um caule que simula o comportamento de uma raiz. É subterrâneo e aéreo, de forma que suas ramificações se projetam, entrelaçam e perfazem caminhos não centralizados. Deleuze e Guattari (1995) nos orientam em direção a este conceito, que ressignifica o pensamento moderno sustentado sob a lógica da classificação, da serialidade, das dicotomias ou relações de causa e efeito. Sua teoria anti-edipiana é um convite para o pensamento em redes, um modelo para pensar os acontecimentos (Deleuze, 2009) muito mais pela exterioridade que os constitui do que pela superfície que se manifesta.

Por isso aqui pensamos o conceito de educação-rizoma, capaz de enxergar a sala de aula como um nó da rede e não o seu fim. Considerar, nesse sentido, o plano de aula como um mapa e não um decalque. Um mapa é um indicador de caminhos. É possível analisar e escolher percursos, administrar as rotas de acordo com nossos objetivos, problemas encontrados, recursos e pessoas. É possível dobrar, desdobrar e girar um mapa para enxergá-lo sob outras perspectivas.

A serendipidade, o maravilhamento, o encantamento com a educação não se restringe à disciplina. Há arte na matemática, filosofia na medicina e comunicação nas engenharias. O tema, qualquer que seja ele, não se restringe ao conhecimento arbóreo. Precisamos contemplar uma educação ominichannel (Rabelo, 2023), transmidiática (Jenkins, 2018) e rizomática (Deleuze, 1995). O existencialismo, por exemplo, não se confina apenas nos livros de filosofia, mas se manifesta em obras de arte como “O grito”, de Munch ou no “Autoretrato com colar de espinhos e beija-flor”, de Frida Kahlo. As obras permanecem contemporâneas, diante do caos informacional que tem ampliado o contexto pandêmico da depressão e ansiedade entre os jovens, assim como os relacionamentos. O existencialismo também está na quinta sinfonia de Beethoven, no desespero com a morte que bate à porta,



Figura 2. Obra de arte "A fonte". Marcel Duchamp. (1917).
Imagem de um urinol branco, com a assinatura R. Mutt 1917 em tinta preta.

assim como no Diário de um detento dos Racionais MC's. O assunto atravessa as artes e a vida. Há existencialismo nas obras de Dostoiévski, Gógol e Camus, assim como em Borges, Cortázar, Carpentier e García Márquez. Enfim, está nos escritos de Sartre, mas também em tudo o que o cotidiano tenta nos dizer.

Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo o jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do Centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu computador

Trecho da letra da música: Diário de um detento

Composição: Josemir Jones Fernandes Prato / Pedro Paulo Soares Pereira

Sobre a questão omnichannel, ou integração multi-canal, caberia a pergunta: seria incoerente em um mesmo artigo citar Beethoven e Racionais? E quando nossa proposta consiste em contemplar plataformas como o TikTok, paralelamente aos museus, livros didáticos ou salas de aula, seria uma blasfêmia cultural? Fenômenos contemporâneos causam estranhamento na temporalidade em que se apresentam. “A fonte”, por exemplo, de Marcel Duchamp (1917) é uma obra *ready made*, com a mínima intervenção autoral. Trata-se de um mictório, escolhido pelo autor para exibição como obra de arte. A rejeição inicial pela crítica especializada não impediu que sua importância despontasse nas problematizações da arte, sobre suas possibilidades estéticas, subversões, linguagens, modos de operação, conceitos e limites. Arte é contemplação, ruptura, trabalho, criação, inovação, crítica, encantamento, expressão de sentimento ou incômodo? Tão fundamental quanto seu plano semiótico de expressão é seu plano de conteúdo. Demonizaremos possibilidades estéticas contemporâneas ou pensaremos na potência em discutir tais espaços, como fizemos a partir da ousadia de Duchamp?

Meios e mensagens são recorrentemente vitimados pela incompreensão e intolerância. O conselho pedagógico de uma escola em Tallasse, nos EUA, forçou uma professora a pedir demissão após a exibição da estátua de Davi em uma sala de aula, para uma turma do sexto ano, frequentada por crianças de 11 e 12 anos (Ghiglione, 2023). Posteriormente, com a repercussão do absurdo, a professora e seus alunos foram convidados pela diretora da galeria em Florença, a visitar a estátua criada por Michelangelo, que lá é exibida desde 1873. Já “A origem do mundo”, Coubert (1866) mostra o que há de mais próximo e concreto sobre a concepção da vida, ou seja, o corpo exposto e nu de uma mulher, sem identificação de seu rosto. Aqui falamos sobre estranhamentos, julgamentos e censuras em torno da arte, retomando a perspectiva de que os fenômenos de nossa época são sempre menores, no sentido de Deleuze e Guattari (2014) e de

uma subversão sutil e despercebida, como na literatura de Kafka. A polêmica mundial em torno da obra se dá simplesmente pela exposição em um museu, daquilo que há de mais próximo e concreto da origem da vida, que dá título à obra, a genitália feminina.

Em um contexto caracterizado pelo controle social do outro, redes sociais aparentemente voltadas para jovens, como o TikTok, muitas vezes são dissimuladas como canais inúteis, popularizadas como mídias a priori criadas para a exploração da imagem e profusão de inutilidades. Mas um olhar atento sobre o passado e uma atenção às sutilezas do fenômeno das mídias, pode nos levar a enxergar os remédios, que a priori se apresentam como venenos. O teatro, por exemplo, outrora marginalizado, hoje se apresenta como potência educacional em métodos, como o criado por Boal (2019). O mesmo ocorreu com as histórias em quadrinhos, o cinema, os videogames e até mesmo com os estilos musicais como o Samba e o Rock 'n Roll.

A comunicação equivale, no tecido social, ao sistema nervoso no corpo humano. A diferença é que, ao nascer, o homem já traz consigo o seu sistema nervoso, enquanto a sociedade vem trabalhando durante milênios para criar e aprimorar seus meios de comunicação (Costella, 1997, p. 21).

As mídias de massa atacadas pelas perspectivas críticas da escola de Frankfurt, posteriormente se desdobraram em lógicas funcionalistas, culturológicas e pós-críticas. A TV escola, a rádio poste e o cinema nacional passaram a fazer parte da agenda cultural pedagógica, por exemplo. Em torno deste ponto de vista, este artigo contempla parte da pesquisa realizada durante estágio de pós-doutorado nas áreas de educação e comunicação, objetivando criar uma espécie de cartografia em torno das possibilidades educativas em torno das redes. Como poderíamos ampliar o acesso aos assuntos da universidade como extensão social à medida em que aprendemos nessas redes para retornar à sala de aula?

Temporalidade, espacialidade e a educação em redes

Os desafios da educação universitária contemporânea estão muito relacionados aos altos índices de retenção e evasão, além da impossibilidade em administrar o tempo e a atenção de todos os envolvidos nos processos escolares. Por exemplo, as operações mentais necessárias para atravessar uma rua no século XVIII eram bastante diferentes daquilo que se apresenta como desafio urbano atual. A numeração dos ônibus, as placas publicitárias, o aplicativo de transporte, o desgaste da faixa de pedestre, a violência urbana, as buzinas dos automóveis, as obras públicas, os vendedores ambulantes, o apito

do guarda, o toque do celular, o tempo do semáforo, a distância entre os carros nos dois lados da via e o tempo necessário para atravessar a rua são distrações e dados lançados como estímulos para a tomada de decisões. Da mesma forma, exemplificamos com o controle de um videogame fabricado e comercializado pela Atari na década de 1980. Sua interface minimalista apresentava apenas um manche em forma de bastão vertical e um botão, contra a impassível complexidade de um Playstation atual.

Hoje, alguns jogadores são capazes de manejar um controle háptico, com sensor de movimento, dois manches digitais, um cursor analógico em forma de cruz, quatro botões centrais e outros quatro no topo do controlador, isso sem falar em um *pad* central e botões de compartilhamento, início e *reset*. Além disso, muitas vezes os jovens ainda precisam lidar com a interface da câmera, os óculos de realidade virtual e os bastões de movimento, tudo isso enquanto conversam *online* e projetam transmissões ao vivo em redes de *streaming*. Como tratou Pierre Levy (1999), hoje não faz sentido tratar a tecnologia no singular, pois cada modo de fazer é operado por uma pluralidade técnica que se formou historicamente em redes.

Por trás das técnicas reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia. A ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem as técnicas são particularmente evidentes no caso do digital (Levy, 1999, p. 24).

Por isso, nosso ponto de vista que fundamenta esta pesquisa busca desmitificar a visão de uma juventude preguiçosa e alienada. Eles, os jovens, estão estressados, hiperestimulados e ao mesmo tempo desmotivados com uma pedagogia que não dialoga com o mundo atual. À medida em que precisamos problematizar o minimalismo digital e a desintoxicação com os excessos midiáticos, também se faz necessário tomar as rédeas dos espaços de produção que potencialmente foram tomados pelos discursos que os transformaram em enlatados culturais.

Assim, mídias como o *Instagram*, *TikTok*, *Youtube*, *Pinterest* e *Whatsapp* e formatos como os *podcasts*, *videocasts*, *padlet*, *lives*, *games*, infográficos, cartuns, memes e menes podem e devem ser pedagogicamente apropriados como formas de linguagem e aproximação em caminhos circulares, envolvendo a sala de aula e a sociedade como um todo.

Este campo de pesquisa tem como ponto de partida os princípios da hermenêutica da complexidade, colocando em diálogo a educação, as artes e a comunicação social em diálogos tecidos de forma multidisciplinar.

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 2000, p. 38).

Usaremos principalmente o método de pesquisa com os cotidianos, na perspectiva de Michel de Certeau. Assim, todo e qualquer sinal, por mais sutil que pareça, pode e deve ser considerado como ponto de atenção e observação. Técnicas como a netnografia, a observação participante e os grupos focais, embora sejam contemplados, não se sobrepõem aos movimentos táticos que se manifestam nos *saberes-fazer*s cotidianos do chamado sujeito ordinário. Certeau, em suas artes de fazer (1994), ou *morar/cozinhar* (1996), nos convida ao exercício do olhar em torno das sutis e aparentemente efêmeras aprendizagens cotidianas que, em princípio, parecem repetições, mas que revelam, aos poucos, grandes transformações paradigmáticas.

Dessa forma, entenderemos que as diferentes possibilidades para ensinar/aprender podem integrar universidade e sociedade em um ciclo de aprendizagem constante. Espaços como o auditório, a sala de aula, a cantina e os centros de vivência, os *hubs* de inovação, o cinema, os eventos acadêmicos, os museus e tecnologias digitais como o Google Classroom, os cursos *Mooc* (*massive online open courses*), os ambientes AVA, o *Power Point*, as mídias sociais, as interfaces de *dark social* como o *Whatsapp* podem ser espaços de experimentação e educação. Assim também entendemos que a linguagem audiovisual, o *design* gráfico, a moda, as artes plásticas, a música, o rádio, os jogos eletrônicos, a culinária, a arquitetura, a dança, a literatura e até mesmo as expressões contemporâneas de conteúdo representam potências estéticas transdisciplinares.

Um método científico caracteriza-se pelo fato de que, ao encontrar novos objetos, ele desenvolve novos métodos. Exatamente como a forma em arte é caracterizada pelo fato de que, ao conduzir a novos conteúdos, ela desenvolve novas formas. Apenas para um olhar externo é que a obra de arte tem uma única forma, e que o tratado possui apenas um único método (Didi-Huberman, 2015, pp. 131-132).

Algumas considerações

Os meios de comunicação não deixam de ser potencialmente meios de educação, assim como as artes em geral. São espaços de crítica, produção e ressignificação de sentidos de real. Sem desconsiderar as perspectivas apocalípticas, abraçamos a

potencialidade integradora capaz de compreender a imagem em movimento, seja ela capturada ou artificialmente criada e manipulada, como máquina pedagógica de resistência. Assim como Buñuel, em seu *O Anjo exterminador* (1962) e Jorge Furtado com *A Ilha das Flores* (1989) promoveram aulas de filosofia no cinema, poderíamos pensar sobre as possibilidades estético-didáticas para narrativas em mídias como o TikTok, por exemplo. A aula “3 minutos sobre o tempo” é um desses experimentos. Trata-se de um vídeo com menos de três minutos, classificado na categoria de *microlearning*. A intenção de aproximar os temas discutidos na universidade com população em geral, também é responsável por movimentar um sentido inverso. Isso significa que o engajamento gerado no canal em questão traz contribuições importantes para a sala de aula, como um movimento que se retroalimenta. O vídeo e os comentários funcionam em um sentido colaborativo, na lógica do *crowdsourcing* (Rabelo, 2018), também como uma espécie de sala de aula invertida e em redes.



Figura 3. QR Code para acesso à aula no TikTok “3 minutos sobre o tempo”. Fonte: Imagem gerada pelo autor.

Cada nova tecnologia traz consigo uma série de novos protocolos, muitos deles não nativos, não intencionais, mas culturalmente transformados pelos usos. As novas tecnologias nos convidam a novas experimentações estéticas, como a criação de centros urbanos inteligentes, a realidade virtual, aumentada e mista, os metaversos, a internet vestível e nas/das/com as coisas. Como professores devemos aprender a abrir mão do protagonismo determinista, das lógicas serializantes, hierarquizantes e dicotômicas.

Enfim, partimos da premissa de que devemos aprender com os estudantes e aprender com as redes. Devemos compreender que a temporalidade da sala de aula não se completa em uma lógica reacionária, mesmo que “no meu tempo” (se é que esse recorte é possível), de fato tudo tenha sido diferente, incluindo a relação da sociedade com o caos midiático.

E assim como o hipertexto que inaugurou a lógica da *web* há poucas décadas, ressignificamos a educação nessas redes hipercurriculares (Rabelo, 2012), contemplando uma visão da educação que tenha como objetivo também a aprendizagem, não mais do aluno, mas das redes, como parte de um projeto maior, que consiste na potência da vida.

A pesquisa não se propõe a ser conclusiva, mas propositiva e teórico-reflexiva. Um convite para usar a educação, a comunicação e as artes, a princípio, as visuais, como formas de aprender a aprender.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COSTELLA, Antônio F. *Da caverna à galáxia*. Comunicação em debate. São Paulo: Moderna, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DELUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 01. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GHIGLIONE, Davide. *Confundir arte com pornografia é ridículo: a polêmica em escola nos EUA com estátua nua de Michelangelo*. BBC News Brasil: publicado em 28.03.2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czq9032de8go>. Acesso em: 10 Fev. 2024.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2.ed. – São Paulo: Cortez, 2000.
- RABELO, Cláudio. *A estratégia do cafezinho*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2023.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva. São Paulo: Autêntica, 1998.

Cláudio Renato Zapalá Rabelo

Professor Adjunto no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desde 2016, onde lidera o Laboratório de Estudos em Tecnologias Criativas. Também atuou como professor adjunto, por quatro anos, no Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), onde foi Líder do Núcleo de Estudos em Propaganda Contemporânea e Novas Mídias. Pós-doutor em Estudos Culturais (PACC/UFRJ); Doutor em Educação (PPGE/UFES). Mestre em Estudos Literários (UFES, 2005). Pós-graduado em Marketing e Tecnologia da informação (UFES, 2001) e graduado em Comunicação Social /Hab. Publicidade e Propaganda (UFES, 1999).

<http://lattes.cnpq.br/7574591975528969>

<https://orcid.org/0009-0004-9869-5185>

E-mail: claudiorabelo1@gmail.com